ANO II — Lisboa—Quarta-feira, 9 de Outubro, de 1918 — N.º 488

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz

Redactor principal
Antonio Sardinha

Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada

Escritorios e tipografia
R. de S. Paulo, 20

Impressão — Rua de Gravia, 54

Editor — João M. Santos

Telefone: C. 1039

Os vicios da Republica Nova

A gravidade da actual conjuntura, em que a crise do dezembrismo, bem revelada em numerosos sintomas, se sobrepõe á crise nacional cada vez mais grave e á questão internacional, sobre a qual a aurora da paz — era de liquidações — lança terriveis perspectivas, deveria obrigar a Republica Nova a um severo exame de consciencia. Como, porém, as republicas teem fama de não ter consciencia, façamos nós o processo dos seus erros e das suas culpas, procurando para nós mesmos neste marasmo normas de acção que nos dirijam.

Remontando á origem da situação presente, digamos sempre que o dezembrismo foi uma revolução nacional: não só o seu objectivo da expulsão da execranda Republica Velha, inimiga da Nação, lhe deu esse caracter, mas ainda a curiosa colaboração da sua autoria, com representação de monarquicos, republicanos e indiferentes, de clero, nobreza e povo, de elementos patronais e simulcalistas e clericais, tudo á volta do nervo militar, que dava unidade a essa revolucionaria afirmação do desejo geral da ordem nacional.

Tão nacional foi esta revolução em si mesma, que segundo autorizadas afirmações, não se sabia no momento, que regimen politico dela ia sair.

E a verdade é que esse movimento nacional degenerou, corrompeu-se, exactamente quando deu logar a um regimen politico que a sua tendencia intima, que a sua finalidade bem revelada em suas horas luminosas de epopeia, não pedia.

O erro fundamental da situação presente, que explica a sua crise e todos os seus erros e defeitos e a sua tragica insuficiencia perante o presente problema nacional está em chamar-se e em ser a Republica Nova.

Do movimento de Dezembro não deveria ter saido uma Republica (vivida, sentida e desejada pelos orgãos supremos do poder como esta é), como tambem não deveria sair uma Monarquia.

Deveria ter-se proclamado um regimen de soberania absoluta do interesse nacional, uma dictadura do patriotismo, uma monarquia da guerra com a missão de salvar o paiz, na guerra e pela guerra.

Não eram as classes chamadas a governarem, embora auctoras da Revolução; muito menos os politicos novos, embora livres das culpas dos democraticos. Porquanto, se o governo dos politicos merece da consciencia moderna uma condenação unanime, é certo tambem que absolutamente condena o governo das classes, absurda concepção, pois é nula a resultante de interesses opostos e quem diz governo diz vontade humana activa e positiva. O governo nacional pertence de direito ao Rei e na falta deste ao Regente.

Da Revolução de Dezembro não saiu o rei, nem podia sair, não pela banal ou peregrina razão de que a Monarquia seja incompetente para liquidar, com a maior eficiencia nacional, as tragicas responsabilidades da Republica, mas pela incontestavel verdade de que não ha bastantes monarquicos em Portugal.

O Rei não existe apenas na sua pessoa, mas no lealismo dos seus subditos, expressão da legalidade que dá um nobre caracter de instituição nacional ao poder humano da sua pessoa. E' preciso haver monarquicos canscientes de coração, de vontade e de razão, que façam ao Rei o seu partido. Ora em Portugal não ha estes monarquicos no numero que as secretas leis da historia requerem. Massa grandiosa, mas inerte, o partido monarquico não atingiu o grau de desenvolvimento que o torne capaz de fazer e manter a monarquia: são seus vicios fundamentais a falta de homogeneidade, a falta de programa, a falta de organização.

Se o ultimo destes defeitos é por todos condenado, os outros não são menos graves. O exercito monarquico só pode ser aguerrido e invencivel, quando, por uma obra de auto-educação, todo se revista da mesma Fé; e um programa é bem necessario para demonstrarmos a nós mesmos e aos outros a sinceridade e a honestidade do nosso esforço, que devemos acompanhar da certeza de que podemos salvar o paiz com os nossos principios, certeza traduzida em formulas concretas de orientação governativa. Dizem que os programas estão desacreditados, é verdade, mas implicando o descredito dos partidos; se quisermos ter um partido acreditado e honesto, é preciso dármos-lhe, embora isso seja dificil, um programa.

Explicados assim os defeitos do monarquismo em Portugal (de que não tem responsabilidade o integralismo, completo no seu programa, na sua organisação, na homogeneidade do seu esforço), compreende-se porque a Monarquia não veiu da Revolução de Dezembro.

Deveria, em virtude disto e em vez da Monarquia, proclamar-se a Republica, uma Republica Nova? Não, de forma alguma. Foi este o grande Erro. No ponto de vista da politica pratica, nada interessava proclamar um regimen de que a opinião publica está ha muito divorciada. A roda e atrás desta palavra—Republica, em que filosoficamente estão implicitos todos os erros e crimes da politica, entrou a politica no regimen novo; essa palavra, porque não era apenas um palavra, mas tambem uma afirmação de ideias e sentimentos republicanos, foi o fermento que fez apodrecer a massa.

Deste erro inicial—o republicanismo—usurpação dos detentores do novo poder—desviou o caracter politico do primeiro ministerio, com a colaboração de unionistas e machadistas e a falta de um governo militar, que em si resumiria aquela neutralidade lealista para com o interesse nacional, que a situação devia revestir; desse erro derivou o ter ficado sem solução o problema da ordem, e cronica a ameaça de revolução, pela mole transigencia com os democraticos-traidores, pela contraproducente medida de deixar impunes os seus crimes, e por essa repugnancia ás energicas sanções que usam hoje todos os países civilisados, entre os quaes são os mais salutares, a pena de morte e a censura rigorosa para com todos os traidores.

Neste Liberalismo, nesta liberalidade, nesta tolerancia ingenua e inconsciente, afirmava bem a Republica Nova, o seu republicanismo, e esquecia o interesse nacional, que era o lema da revolução de Dezembro. A insolução do problema da ordem traduzia-se pela desordem na administração; preocupado com tão dificil problema, decerto faltava tempo ao governo para cuidar dos interesses publicos. O obstruccionismo sistematico das oposições, que caracterisa todos os regimens democraticos, manifestava-se aqui na forma tragica da iminencia de uma revolução tetrica com degolas e *soviets*. E como em todos os regimens democraticos era a fraqueza ingenita do poder, incapaz de proclamar um regimen integral de defeza para a Patria em perigo, que alimentava muito republicanamente essa oposição de conspiratas e terror vermelho.

Absorvidas todas as energias do governo na luta contra o fantasma da Revolução, a natureza republicana das coisas implicava a insolução dos varios problemas nacionais, em cada um dos quais, porém, de novo nos aparece a influencia nefasta do factor constitucional.

Temos o problema da guerra que tem sido pouco energicamente tratado: sem entrarmos nos ainda confusos misterios diplomaticos, afirmamos que, pelo menos, tem sido descurada a guerra de apoio, *a preparação da opinião publica na Monarquia da guerra*, a solução de todos os problemas do interesse nacional *que se* relacionam com o estado da guerra.

A voz de guerra, o *ds armas* desta gigantesca conflagração, tem a sua teoria e a sua pratica, é uma norma complexa importando a união dos corações na mesma comunhão patriotica, a cessação expontanea ou coagida das luctas fratricidas da politica, a redução ao minimo do parlamentarismo dissolvente, a imposição pela censura, á imprensa, de um severo dictame de continencia, a vigilancia impiedosa aos traidores, aos agitadores, com o estabelecimento de sanções irrevogaveis, a mobilisação de todas as forças do paiz, morais e materiais, economicas e intelectuais, com vista ao interesse nacional, o que não implica a nefasta centralisação, mas apenas uma eminente presença do fortalecido poder central junto das forças vivas nacionais sempre mantidas em excitação de actividade.

Ora tudo isto, que os democraticos de execravel memoria tinham omitido, os novos governos, embora incontestavelmente bem intencionados e dispondo de uma base de comunhão, de boa espectativa nacional que aos primeiros falecia, não o tem realisado completamente e a razão é—insistamos sempre—porque o seu republicanismo implica a obediencia a baixos criterios de popularidade e a uma lei fatal de apatia.

O problema maximo da riqueza publica, neste declinar de falencia, tem sido votado ao mais completo abandono. Os problemas economicos tem sido tratados com o criterio acanhado de atender-se apenas aos interesses do consumidor, reduzindo-se todo o complicado problema economico ao fenomeno de subsistencias. Ao contrario disto deveria apenas atender-se ao problema da produção e aos interesses dos produtores, porque assim se atendia aos interesses dos consumidores que sejam tambem produtores e portanto não sejam parasitas.

E' claro que produtores são tanto o trabalho como o capital e a terra associadas ao trabalho e especialisadas nas funções directivas e de repartição, de sorte que a politica de protecção á produção, deveria ser acompanhada de uma politica social energica, no sentido do estabelecimento de maximos e minimos salarios, que o poder publico faria ternar sempre proporcionais aos aumentos do custo da vida. Ao invez disto, a politica economica tem sido republicana, tem sido democratica, no sentido de que todas as preocupações governativas vão para o consumidor, emfim é tudo feito em vista da parte negativa da actividade social; governar na republica, visto que o povo governa é satisfazer as necessidades dos individuos presentes á custa dos desperdicios do capital do passado que prejudicam os cidadãos do futuro, baseada no desejo de popularidade, a republica nova foi nisso bem republicana: esqueceu-se de que os bons governos tem sempre uma parcela de impopularidade.

Esta defeituosa orientação economica deu como resultado o continuarem os mesmos descalabros em relação ao problema das subsistencias e em relação ao problema agricola e economico.

José Adriano Pequito Rebelo

Lêr na 2.ª pagina:

Maurras germanofilo?

O 5 d'Outubro

Não nos lembra só infamias a data grotesca da revolução.

Foi tambem num 5 de Outubro que em 1911, no primeiro aniversario do saque republicano, Henrique de Paiva Couceiro arvorou á frente dos seus heroicos soldados a Bandeira de Portugal nos Paços do Concelho de Vinhaes.

Comemorando este facto «O Comercio de Guimarães» pela pena do seu director Antonio Machado que foi um desses bravos publica um magnifico artigo de evocação de que queremos arquivar algumas passagens:

«Faz hoje sete anos que na Camara Municipal de Vinhaes se arvorou, por entre aclamações entusiasticas do Povo, a Bandeira Azul e Branca — da Monarquia Portugueza.

Paiva Couceiro, á frente dalguns centos de portuguezes,—mal armados e mal municiados uns, completamente desarmados outros, — conseguira, transpondo a fronteira, chegar aquela vila do distrito de Bragança.

Guarneciam-a já historicos povoação de Traz-os-Montes, forças da guarda fiscal e de infantaria 10, — as quaes ali permaneciam ha tempos propositadamente á espera que Couceiro, o «traidor», viesse em auxilio da Patria moribunda. Essas forças á medida que Paiva Couceiro avançava, iam evacuando Vinhaes. De sorte que a entrada da coluna monarquica fez-se sem a menor resistencia: as tropas haviam retirado para o monte.

Mandou-lhes o Comandante um oficial da columna—para que se entregassem. Não quizeram. Entenderam os srs. oficiais que comandavam essas forças, *que o Exercito Portuguès, vivendo algemado pelas quadrilhas carbonarias, e não se esforçando por quebrar essas algemas, para, com os pulsos livres, melhor se entregar á defeza da autonomia da Patria,—estava á altura das paginas que outr'ora escrevêra.*

Couceiro, ante a atitude *patriotica* dos seus camaradas, não recuou o seu peito de Portuguez lealissimo ás balas da Republica—antes nobremente oferece a sua vida, a vida dos seus soldados, pelo resgate da Patria que agonisa ás mãos dos jacobinos.

Trava-se a lucta. Sobre os soldados da Monarquia, despejam os soldados da Republica milhares de projecteis. São descargas sobre descargas—, sem cessar, sem intervalo.

Couceiro, de pé, erecto como a estatua do Dever, *sem pressas, sem enthusiasmos*, recomenda, friamente, aos seus oficiais: *fogo lento!* Couceiro respondia assim ás descargas dos soldados feis á Republica,—que eram sucessivas, que pareciam não ter fim. Eles desperdiçavam as munições. Couceiro poupava-as...

Começou então, o nosso fogo. Os nossos oficiais, em obediencia ás intrucções do Comandante, recomendam, instantemente: *fogo lento; ninguem tenha pressa em disparar!*

E os nossos soldados, em *linha d'atiradores*, deitados, começaram a mandar os primeiros tiros—, pelo visto tão certeiros, que logo o terror e a desorientação se estabelecem no campo inimigo: as balas dos soldados de Paiva Couceiro põem em debandada, numa retirada desordenada e vergonhosa, os *valentes* que combatem á sombra da bandeira verde e encarnada...

A fuga desses *heroes* foi tão precipitada, a sua desorientação tão grande, que um tenente da guarda fiscal abandonou, no campo, a montada. Podia deitar-se acima dela *para mais depressa pôr o corpo no seguro*...

. . . . . .

Foi em 5 de outubro de 1911. Já lá vão sete anos!

Meditem os *comodistas*, meditem os chamados *conservadores*, meditem todos aqueles que então nos chamavam os *maitrapilhos da Galliza*,—quantas calamidades, quantas desgraças se teriam evitado a este pobre Portugal se então, em vez de nos chamarem *parvos* e *perturbadores*, a nós se juntassem para a restauração da Monarquia!

—¿Não sabe o nosso ilustre colega que os talassas do nosso paiz preferem uma republica em que só sejam roubados e sovados, a uma Monarquia por quem tenham de arriscar as preciosas vidas!...

«Politica religiosa»

O nosso presado colega «Gazeta do Lima» transcreve com palavras de inteiro acolhimento varios trechos do magnifico editorial do sr. dr. Xavier Cordeiro.

Agradecemos.

«A volta do Rei»

A «Gazeta do Lima», nosso presado colega de *Viana do Castelo, transcrevendo* diversas passagens deste brilhante artigo do nosso querido camarada Augusto da Costa, tem para ele amigaveis palavras que muito nos penhoram, bem como a transcrição.

Ao leitor d'A MONARQUIA

Depois de lido, enviar este jornal ás Juventudes Monarquicas Conservadoras, Nucleo Regional de Lisboa, travessa das Mercês, 53, a fim desta o mandar para os nossos soldados no «front».

Pitta & C. — Camiseiros— Artigos de novidade de 95-197 RUA AUGUSTA—Telef. 1348

Data sacrilega!

Por ocasião do aniversario da Republica publicou o sr. Padre Julio Pereira Roque no «Mensageiro» um brilhante artigo de que extractamos alguns interessantes trechos:

«A data fatidica de 5 de outubro queima o nosso sentimento nacionalista, porque é a floração derrancada do liberalismo maçonico que nos tiranisa desde o inicio do seculo passado. Ainda que o futuro nos pertença, porque a geração actual já reconciliada com o Passado, pode ser amanhã a disciplina forte e vigorosa que torna grandes os povos, pelo cultivo das virtudes ancestraes da Raça, a verdade é que ainda imperam em algumas mentalidades de primatas as mentiras democraticas e não poucos estomagos insaciaveis reclamam quantiosos repastos que só a Republica pode á larga distribuir pelos seus apaniguados de espadão folego.

Por isso se impõe a necessidade da lucta sem treguas em favor da restauração nacional, trilhando o caminho liso da tradição politica e religiosa, absolutamente autinomica com este estado permanente de insolencia social a que urge pôr termo. Querem agravar a situação os miseraveis sicofantas do demagogismo com novas e graves perturbações, que atingem o assassinato, a rapina e o incendio?! A corja, de tudo é capaz na escala do crime, em todos os seus tôrvos cambiantes de negrumes moraes. Mas não ha de consumar a hediondez de assassinar a Patria de Nuno. Nova Ala surgirá, forte e invencivel, mantendo em resguardo a bandeira das Quinas que, tinta de sangue generoso, será bafejada pelas suaves virações da victoria no dia grande da Redempção.»

. . . . . .

Termina assim o brilhante editorial:

«Em sobresaltos e augustias vive a população portuguêsa.

Até quando? Responda a alma colectiva cujo mandato é imperativo no destino das Nacionalidades.»

Até que a Patria Portuêsa se queira restaurar saudando como nós a Bandeira de Portugal—essa gloriosa bandeira que depois de triunfar em Magúl e Coolela veiu capitular com honra nos alcantis ensanguentados de Traz-os-Montes, para que a fera republicana se refastelasse sobre as carnes duma Patria que foi grande e que ainda o poderá ser!...

Comentarios

Vai alta a lua...

Replica *O Tempo* ao nosso comentario de hontem acusando-nos de puxar a brasa á nossa sardinha e de pretendermos dar perante o publico uma intenção errada ás suas palavras.

Diz *O Tempo* que os actuaes governantes dão todo o melhor do seu esforço para se resolverem as questões gravissimas que a guerra provocou. Mas, nós estamos absolutamente de acordo:—é muito provavel que isso seja assim. Mas, o que nós afirmamos e ninguem nos pode desmentir, é que por melhores que sejam os seus esforços e por maior que seja a sua competencia, os homens que actualmente nos governam não poderão —como de resto nenhuns outros—*dentro da Republica*, resolver os problemas nacionaes.

Diz o nosso presado colega que Portugal é a nação em guerra onde se vive mais desafogadamente. De acordo. Mas, *e assim é, não o deve Portugal* aos governos da republica, mas simplesmente ás suas magnificas condições naturaes que lhe poderiam ainda melhorar muito mais a vida se em vez duma Republica de incompetentes e de bandidos tivessemos tido no poder um governo *que governasse*, independentemente das clientelas e onde os *politiqueiros* cedessem o logar ás verdadeiras *competencias*. Este regimem só poderia ser a Monarquia.

—Que o que ha nas outras nações é mais espirito de sacrificio e mais patriotismo. Mas quem tem a culpa?

—¿Não foram aqueles que para levarem o povo á revolução lhes prometeram os mais largos «direitos» sem a sombra sequer dum «dever»; não são os governos que em vez de se dedicarem apenas á administração passam a vida numa «politiquice» constante, irritando-nos constantemente com um regimen que a Nação repele?

Diz mais «O Tempo»:

Tem a Republica Portuguesa, teem os homens que ora nela colaboram, debelado a maioria dos males que a guerra, de ha quatro anos, vem lançando sobre nós. Estivessem os monarquicos no poder e por certo que nem metade fariam, e a prova está em que, num 5 de outubro longiquo,—quêdo o mundo numa paz morta —tiveram de fugir precipitadamente, não olhando sequer para traz, para essa Monarquia que desabara ás mãos deles.

Se *este periodo fosse do «Mundo»* ou doutro qualquer jornal nas mesmas condições; se fosse apenas um devaneio chlorotico de «Ofelia», só nos provocaria um sorriso a afirmação de que a Republica tem debelado «a maioria dos males causados pela guerra». Mas com franqueza: vir dizer isto a um povo que tem sido a victima inocente da incompetencia republicana, a uma nação inteira que tem visto nos pinaculos do Poder a incompetencia aliada á ambição, é confiar demais na nossa ingenuidade e na nossa... tolerancia.

E vir depois afirmar que se os monarquicos estivessem no poder «nem metade fariam», quando é certo que os melhores governantes da republica foram ainda do refugo dos homens da monarquia que o sol nascente tentou, parece-me mais confiança na ingenuidade do proximo do que na verdade da afirmação.

O argumento da queda da Monarquia é pelo menos tão inhabil como perigoso; pois não sabe o nosso ilustre colega, não o sabe toda a gente que, se a Monarquia caiu em 5 de outubro, foi devido unica e simplesmente ao «virus republicano» que lhe inocularam os homens do liberalismo?!

Não encontrou ainda o nosso ilustre colega, apesar da sua convivencia com ela os defeitos organicos da republica. Oito anos de orgia quasi louca não bastaram para lhe mostrar que a Republica nunca pode ser em Portugal mais do que um regimen «tolerado»!...

Embebido no seu idealismo de literato não chegou á sua torre de pero as a maré rude da realidade...

O mesmo não sucede á Mocidade Portuguêsa que, quando chegar a hora do resgate, ha de precipitar no lodo os nefelibatas e os quadrilheiros da republica... ainda que seja pela gola do casaco!...

Na Monarquia restaurada

Em resposta a tres comentarios da «Monarquia», publica o nosso presado colega de Vizeu, «Revista Catolica» tres artigos a que responderemos tambem por partes.

Transcrevendo o que aqui dissémos sobre a necessidade dum programa de realizações praticas na futura Monarquia, emquanto fosse versado o problema da situação da Igreja perante o Estado, diz o nosso colega que não basta aconselhar os catolicos a que fujam da republica por ser anti-catolica e essencialmente revolucionaria e que é necessario que se diga duma vez para sempre qual é o programa da monarquia em materia religiosa.

E' claro que nem por sombras alguem pensa em dar á Igreja. restaurada a Monarquia, o humilhante papel que lhe deu o Constitucionalismo.

A nossa monarquica é profundamente catolica como a massa catolica é profundamente monarquica. Descrente do Liberalismo e da patacoada eleiçoeira, a nova geração sabe bem qual a alta função da Igreja na sociedade. E por ser profundamente catolica, visto que o seu nacionalismo a isso a obriga, a nova geração não permitirá que á Igreja se faça a afronta de a considerar apenas um deposito de votos quando ela representa nada mesmo que a mais alta instituição moral dentro do Estado.

Isso não impede, porém, que sejamos de opinião que ha a maxima conveniencia para os interesses monarquico-catolicos—indestructivelmente ligados — em que sejam postas bem a claro as condições em que a Monarquia compreende a Igreja e a ela se alia para o bom combate.

•

A proposito das ultimas conspiratas alimentadas por essa criminosa instituição, aconselhava o nosso colega o governo a dar um golpe profundo na Maçonaria.

Replicámos daqui que destruir a Maçonaria seria destruir a Republica e portanto nunca o poderia fazer um governo republicano. O Grande Oriente é o sustentaculo maximo da republica, porque ela é contra tudo quanto representa organização e disciplina:—O Exercito, a Igreja e a Monarquia!

Reconhece a «Revista Catolica» que os governos republicanos não podem ferir a maçonaria, porque seria ferir o proprio regimen e prejudicar os seus interesses pessoaes. Mas, pergunta:

«Mas porque motivos procediam da mesma sorte os governos monarquicos, á sombra dos quaes aquela seita infernal nasceu, cresceu e tomou tal incremento que se tornou verdadeiramente um Estado dentro do Estado?...

Não data de 5 de outubro a existencia da maçonaria, nem a sua interferencia nefasta nos negocios publicos, nem a sua acção anti-catolica, e nenhuma razão temos para crêr que, restaurada a monarquia, se cumpra a lei que proibe as sociedades secretas e pune os seus membros...»

Tem em parte razão o nosso presado colega. Efectivamente a intriga maçonica *anti-monarquica e anti-catolica*—foi tão longe que não só conseguiu coaverter muitos monarquicos—tal o estado das convicções durante o Liberalismo!—como tambem conseguiu render aos pés do seu altar profano muitos ministros da Egreja cujo primeiro *dever era combater os seus perfidos designios*. Hoje mesmo apesar de tudo quem duvidará de que nas hostes maçonicas ainda se encontra muita alma que fóra da treva aterradora das lojas ha-de passar por muito bom catolico e até por defensor dos interesses da Egreja?...

Já vê o nosso colega que nós estamos de acordo. E como nós não defendemos o constitucionalismo-padrasto insalubre da republica—temos a mais inteira liberdade de censurar aos seus homens muitos actos que só não foram *crimes* por em politica se costumar chamar-lhes *erros*!...

Por essa mesma razão não a tem o nosso colega quando diz:

«Mais ingenuo do que nós será quem pensar que só o regimen republicano é maçonico, revolucionario, anti-catolico, ou que a futura monarquia ousará ferir seriamente a maçonaria.»

A futura monarquia não tem nada com os erros nem com as ligações do aborto liberalista. A nova geração não pode nem quer aceitar essa herança nefasta que acabaria por nos perder.

Todas as consciencias de monarquicos honrados concordam absolutamente em que a Monarquia de ámanhã não pode ser de forma alguma a continuadora da que cahiu em 5 de Outubro.

A futura Monarquia não tem de ir rentar a 1910 o fio do nosso desenvolvimento, porque a sua continuidade já havia sido quebrada em 1820.

E' á Monarquia antiga, áquela que não transigia com as ideias democraticas nem com a Maçonaria seu propulsor que nós temos que respeitar os exemplos, aproveitando dela o que tem de util e compativel com o estado actual da sociedade.

Não teem pois os catolicos que temer qualquer perigo para a Egreja na Monarquia restaurada.

Já o mesmo lhe não sucederá se consentirem que alguem em seu nome vá depositar no altar profano da Maçonaria os sagrados interesses da Egreja e dos catolicos...

Esse, sim, é que é o verdadeiro perigo. Não o é a restauração dum regimen que foi sempre o aliado natural da Egreja e que se compreendeu mal a sua função destruiu por completo as antigas virtudes a ponto de o ir despenhar nas garras aduncas dos seus peores inimigos!...

A geração nova é profundamente catolica e monarquica. Não será pois da Monarquia que essa geração *instaurar* em Portugal que poderá vir algum perigo para os sagrados interesses da Religião Catolica!...

•

Subordinada á epigrafe *A futura monarquia será liberal?* publica o nosso colega uma local em que se refere a um nosso comentario onde afirmavamos que a mocidade portugueza não deixará que os *politicos*—na má acepção do termo—estraguem a futura Monarquia.

Contia tambem o nosso colega na mocidade portugueza especialmente na *mocidade catolica*—designação religiosa da mocidade *monarquica* em politica.

E para fortalecer essa confiança lhe basta a sua inteligencia e temeridade e a sua dedicação pelas ideias nacionalistas.

Mas—diz o nosso colega—é preciso com os *velhos liberaes*...

Descance o colega que não ha-de ser dificil o combate. Imbuidos do romanticismo politico do seculo passado, incapazes de se renderem á realidade politica, muitos se afastaram completamente belas ilusões.

Outros—e estes são a grande parte—estão absolutamente convencidos de que não é o *carneiro com batatas* a ultima realisação da Sciencia Politica. E, tendo alguns provado a sua competencia e tendo-a outros incontestavelmente, o seu patriotismo não lhes pode consentir que ao supremo interesse da Patria sacrifiquem a aparencia poluida das suas ideias doutrinarias.

Como vêem... o adversario não é *para temer*! Mas... ainda que o fosse!

Os peitos da Mocidade Portugueza são bastante fortes para afastarem sem medo a temeridade de doutrinarios caducos. A Mocidade tem uma Crença. E quando ha uma Crença, baseada como esta no mais puro e alevantado nacionalismo, ele triunfa sempre, ainda que seja sobre os destroços numerosos de milhares de carcassas!...

•

Não acredita a «Revista Catolica» que seja provavel termos em breve em Portugal uma monarquia *integralista, tradicionalista*. E não acredita porque diz que as raizes do *liberalismo* são muito fortes e muito profundas—o que faz com que escreva:

«Daqui a vinte ou trinta anos poderão os valentes integralistas vêr triunfantes os seus ideaes? Talvez; mas antes disso estará restaurado o regimen monarquico ou Portugal terá desaparecido do rol das nações livres.»

—A Monarquia ou a Morte—é pois tambem o dilema do nosso presado colega.

—Mas então, se acha ser a Monarquia a unica maneira de salvar Portugal e se acha que o liberalismo de fórma alguma nos pode convir, o nosso presado colega encontra-se forçosamente conosco no mesmo campo, talvez involuntariamente, terçando armas «pela Monarquia integralista!»

Porque não vem então ao nosso encontro combater o bom combate com o mesmo denodo e brilhantismo com que se bate pelo catolicismo, afim de que a Monarquia restaurada não caia de novo nos braços dos *velhos liberaes* a quem tanto teme?

¿Porque não proclama bem alto que só o Integralismo é a doutrina verdadeira e que «só a Monarquia que nós defendemos poderá salvar Portugal!»

Nas fileiras do Pelicono cabem todos os soldados da Boa Causa! Que venham até nós todos os bons Portuguezes para que Portugal volte a ser grande á sombra protectora da velha Monarquia!...

João Camilo Felix Correia

Embirrentos...

A Censura continúa a cortar-nos quotidianamente todo e qualquer *Viva a Monarquia!* que no uso do mais legitimo direito escrevemos nas nossas colunas.

Se a Censura julga poder aguentar a Republica de semelhante forma, não lhe agouramos bom resultado. A Monarquia virá ainda que o não queiram os zelosos continuos da Mesa Censoria. E nesse dia sairá de todas as bocas esse grito que tanto aflige a dedicação desinteressada dos republicos censores...